

# TERMINOLOGIA, METÁFORA E MODELOS CULTURAIS

## TERMINOLOGÍA, METÁFORA Y MODELOS CULTURALES

*Luciana Pissolato de OLIVEIRA*  
Universidade de São Paulo - USP  
pluciana@usp.br

**RESUMO:** A metáfora, enquanto recurso cognitivo, caracteriza-se como uma ferramenta heurística para as terminologias, no sentido de que participa da conceptualização de uma área de especialidade, bem como de sua estruturação semântica, refletindo, dessa maneira, o modo de pensar e de agir de uma comunidade de especialistas, em uma determinada época. No presente trabalho analisaremos a influência das diferentes culturas na conceptualização e, conseqüentemente, na denominação dos conceitos da Genética Molecular formados exclusivamente via metáfora, a fim de verificarmos se existem efeitos culturais relevantes nas denominações dessa nominata, em diferentes línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora; Terminologia; Genética Molecular; Cultura.

**RESUMEN:** La metáfora, como recurso cognitivo, se caracteriza como una herramienta heurística para la terminología, una vez que participa en la conceptualización de un área de especialización, así como de su estructuración semántica, reflejando, por lo tanto, la manera de pensar y de actuar de una comunidad de expertos, en un tiempo establecido. En este trabajo se analiza, por lo tanto, la influencia de diferentes culturas en la conceptualización, y por consecuencia, en la denominación de los conceptos de la Genética Molecular formados exclusivamente a través de la metáfora, a fin de

VOL. 16 - ANO 35 - Nº 2 - 2011

se determinar si existen importantes efectos culturales en las denominaciones de esa nominata, en diferentes idiomas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora; Terminología; Genética Molecular; Cultura.

## **Introdução**

Considerando-se o ideal almejado pelas teorias tradicionalistas em Terminologia, qual seja, a identidade na relação entre termo e conceito, observamos que muitos conceitos especializados, representados pelas unidades terminológicas, não apresentam tal univocidade em âmbito internacional, nem mesmo dentro de uma mesma língua – ainda que a língua inglesa seja um instrumento bastante preponderante para a internacionalização da ciência. Tal fato justifica-se devido ao aspecto dinâmico das unidades terminológicas, que devem ser entendidas, ao mesmo tempo, como unidades linguísticas, comunicativas e cognitivas; além disso, outro fator predominante para esta variação conceptual diz respeito à cultura, posto que tanto o conceito quanto o termo que o veicula apresentam elementos culturais neles impingidos – frequentemente, na terminologia médica ou na terminologia jurídica, por exemplo, um termo é caracterizado por semas que traduzem propriedades do conceito relativas a aspectos da cultura de uma sociedade (LINO et al, 2010, p. 188).

Um dos autores expoentes em tais estudos é Robert Galisson, quem cunhou o termo *lexicultura* para tratar dos aspectos culturais embutidos nas linguagens, mais especificamente no léxico, tanto no geral quanto de no especialidade. Um dos aspectos ressaltados pelo autor diz respeito à funcionalidade de tal análise, posto que esta se mostra eficiente em qualquer discurso cujo objetivo não seja a análise da cultura em si mesma, mas da associação dos aspectos culturais aos comunicativos, uma vez que ambos não só compõem a

linguagem, mas também a complementam. De fato, o léxico configura-se como o nível de descrição linguística ligado mais diretamente à realidade extralinguística.

Paralelamente a essa problemática, existe a questão da metáfora nas áreas de especialidade, fenômeno há pouco reconhecido como legítimo para as terminologias.

As ciências e as técnicas, devido a sua orientação à precisão científica, tradicionalmente amparavam-se na linguagem literal para expressar mais objetiva e eficazmente suas teorias, sobretudo sua terminologia. Desse modo, de acordo com a Teoria Geral da Terminologia (1931) – de viés tradicionalista – as metáforas eram desprovidas do rigor exigido pelas linguagens de especialidade posto que eram consideradas unidades subjetivas e ambíguas, recursos de estilo.

Contudo, com o advento das Ciências Cognitivas – início da década de 70 –, o estudo da metáfora ganha novo vulto: de ferramenta estritamente linguística ao centro dos fenômenos cognitivos, a metáfora passa a ser vista como elemento constitutivo de nosso pensamento, da maneira como experimentamos e categorizamos o mundo. De fato, segundo Lakoff e Johnson (1980), a cognição, em sua origem, está ligada às experiências corporais, ou seja, aos esquemas sensoriais e imagéticos. Assim, o movimento, a percepção do esquema corporal e das imagens fundamentam uma categorização de nível básico, pré-conceitual, que dá origem aos conceitos.

Ainda conforme os autores, a metáfora é que cumpre esse papel de intermediadora entre o cognitivo e o linguístico, haja vista ser entendida uma operação metal básica pela qual podemos compreender o mundo através de mapeamentos de domínios conhecidos para domínios desconhecidos, respectivamente domínio-fonte e domínio-alvo. Ressaltam, ainda, que tais conceptualizações são metaforicamente estruturadas em nossas mentes, ao menos algumas mais básicas.

Nesse sentido, as metáforas tornam-se indispensáveis à comunicação humana, posto que atuam na veiculação e na construção do nosso pensamento. Assim, longe de serem superficiais, as metáforas encontram-se no coração da construção de uma comunicação eficaz (OLIVEIRA, 2009, p. 56). Justamente devido a essas características, veremos que o emprego metafórico é produtivo não só na comunicação cotidiana, mas também, e sobretudo, na comunicação especializada.

Contudo, conforme pondera Delbecque (2006), a realidade observada é uma entidade subjetiva. Quando a inscrevemos na língua, nos utilizamos de signos que, combinados com uma determinada significação, nos levam, *grosso modo*, a um conceito. Este fato justifica que uma mesma entidade possa ser categorizada de diferentes maneiras de acordo com o indivíduo, o local e os conhecimentos prévios de quem o faz, ou seja, a categorização é um processo culturalmente motivado. De fato, segundo Lara (2004, p. 56),

[...] la neología terminológica no es independiente de las lenguas en que se crean los términos y que los significados de los términos manifiestan siempre las culturas, la experiencia ordinaria de la vida de las comunidades de origen de los creadores de los términos.

Observa-se, portanto, que o pensamento metafórico configura-se a partir de nossa visão de mundo, modelando-a, e atua como um elemento essencial na maneira como cotidianamente comunicamos, aprendemos, descobrimos e inventamos. Dessa maneira, entender o viés cognitivo empregado na conceptualização, e refletido na denominação de uma terminologia, em distintas línguas, pode oferecer-nos um caminho interessante de análise de modelos culturais atuando em processos cognitivos. Veremos, na seguinte seção, uma amostra desse processo.

## As metáforas terminológicas e os modelos culturais

Examinaremos, nesta seção, como os modelos culturais embutem-se nas linguagens de especialidade, observando se sua atuação é ampla e divergente entre as línguas analisadas ou se há uma interferência, ainda que mínima, por tratar-se de uma área em que a comunicação eficiente se faz necessária.

Selecionamos, para esta análise, alguns termos cujos domínios-fonte se mostraram produtivos para a conformação da terminologia metafórica da Genética Molecular<sup>8</sup>, a fim de verificarmos se o processo cognitivo de categorização e, por consequência, de denominação de tais unidades, variam conforme a língua em que se inserem ou se existe uma certa homogeneidade para as conceptualizações científicas. Para este trabalho, consideramos as seguintes línguas: Português - PT (variante brasileira), uma vez que a disciplina em estudo atua de modo importante na área e, portanto, tem elevada produção em em língua materna; Inglês – IN, considerada a língua internacional das ciências (cf. Temmermann, 2001); Espanhol - ES e Francês – FR, por serem as línguas latinas mais difundidas no Brasil, e por sua importância cultural.

Observe-se a tabela 1 – a seguir –, concernente ao domínio da Geografia, e que apresenta os termos *mapa genético*, *mapeamento genético*, *distância genética* e *escala genética*<sup>9</sup>:

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que uma análise detalhada da terminologia metafórica da área – exclusivamente em Língua Portuguesa – foi estudada em ocasião de doutorado, desenvolvido na Universidade de São Paulo – USP. Cf. OLIVEIRA, L. P. **Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos das metáforas terminológicas**: uma análise baseada em um *corpus* da Genética Molecular. 2011, 197 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

<sup>9</sup> O constituinte metafórico do sintagma está destacado com um negrito.

	<b>Grupo 1</b>	<b>Grupo 2</b>	<b>Grupo 3</b>	<b>Grupo 4</b>
<b>PT</b>	<i>mapa genético</i>	<i>mapeamento genético</i>	<i>distância genética</i>	<i>escala genética</i>
<b>IN</b>	<i>genetic map</i>	<i>genetic mapping</i>	<i>genetic distance</i>	<i>genetic scale</i>
<b>ES</b>	<i>mapa genético</i>	<i>mapeo genético</i>	<i>distancia genética</i>	<i>escala genética</i>
<b>FR</b>	<i>carte génétique</i>	<i>cartographie génétique</i>	<i>distance génétique</i>	<i>échelle génétique</i>

**Tabela 1.** O domínio da Geografia.

Conforme verificamos na Tabela 1, existe pouca ou nenhuma influência cultural na denominação dos conceitos conceptualizados sob o domínio da Geografia, uma vez que o termo mais prototípico da área, *mapa genético*, bem como os termos adjacentes ao domínio, *distância* e *escala*, por exemplo, apresentam o mesmo modelo cognitivo de formação. Há, portanto, de uma equivalência perfeita entre tais línguas.

Creemos que uma justificativa para tal feito ampara-se no fato de se tratar de uma *metaterminologização*<sup>10</sup> via metáfora, ou seja, a formação de uma terminologia motivada por aquela que constitui uma outra área do conhecimento, em nosso caso, por meio da relação de similaridade construída entre a Genética Molecular e a Geografia, ambas áreas de especialidade. Outro fator que justifica tal semelhança cognitiva recai na solidez do domínio: uma vez que a Geografia constitui-se uma disciplina tradicional, amplamente estabelecida na sociedade e em diferentes esferas culturais – a ponto de servir de motivação para a conceptualização de uma área emergente – existe pouca variação e/ou intervenção cognitiva quando empregada metaforicamente por outro domínio do conhecimento.

Observamos situação semelhante com a terminologia motivada pelo domínio da Guerra. Vejamos a Tabela 2, a seguir:

---

<sup>10</sup> Cf. Barbosa (2006).

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<b>PT</b>	<i>clonagem shotgun</i>	<i>pistola gênica</i>	<i>gene alvo</i>
<b>IN</b>	<i>shotgun cloning</i>	<i>gene gun</i>	<i>target gene</i>
<b>ES</b>	<i>escopeta de clonación / clonación en perdigonada</i>	<i>pistola génica / cañón de genes</i>	<i>gen diana / gen meta</i>
<b>FR</b>	<i>clonage en aveugle</i>	<i>pistole à gène</i>	<i>gène cible</i>

**Tabela 2.** O domínio da Guerra.

O domínio da Guerra também caracteriza-se como um campo de ampla difusão social, e serve de modelo para conceptualizações das mais diferentes áreas do conhecimento, além de bastante frutífero para as metáforas de língua geral (Cf. Alves, 2001, 2002, 2004). Salvo alguma variação lexical intralinguística – caso de *clonación en perdigonada*, cuja variante é *escopeta de clonación*, grupo 1, ES, em que ocorre uma motivação metonímica, pois a expressão *en perdigonada* refere-se aos grãos de chumbo que constituem a bala de determinadas armas de fogo –, observamos uma equivalência perfeita entre as línguas.

Outro exemplo de variação intralinguística, observada no grupo 2, ES, se dá entre os termos *pistola* e *cañón*. O conceito veiculado por ambos os termos refere-se a um instrumento que permite introduzir material genético, por meio de um bombardeio de projéteis recobertos com esse material, no organismo que se quer modificar, o organismo-alvo. O termo *pistola génica* enfatiza a força e a velocidade do disparo envolvidas no processo, elementos determinantes para o procedimento; já em *cañón de genes*, ressalta-se a trajetória do projétil lançado, não levando em conta o fator velocidade ou força.

No grupo 3, ES, há apenas um caso cuja motivação foge ao domínio bélico, e diz respeito ao termo *gen diana*, variante intralinguística de *gen meta* – este, pertencente ao domínio da Guerra. O termo *gen meta*, ou *gen diana*, descreve um gene que se quer modificar, em um processo genético. Trata-se, portanto, de um

gene que deve receber material genético, a fim de adquirir determinada característica ou transformar-se em determinado tecido. Nesse sentido, o *gen diana* – de motivação mitológica – é entendido como um gene virgem, assim como a deusa romana Diana, o qual deve receber informação genética para modificar-se, portanto.

Para os termos motivados belicamente, podemos dizer que existe também uma certa equivalência interlinguística, ocorrendo variações apenas internas à própria língua, sobretudo no espanhol. Acreditamos que esse estado de coisas se justifique devido ao alcance dessa língua, posto que é falada em diferentes continentes, multiplicada por diversos países e, graças a essa extensão territorial, à ela incorporam-se elementos autóctones, como os elementos de cultura indígena, o que faz com que cada país falante do espanhol tenha determinadas características léxicas próprias.

Contudo, quando analisamos as motivações provenientes de domínios cotidianos – fundamentais para as metáforas, de maneira geral – notamos alguma influência cultural atuando na conceptualização dessa terminologia. Exemplificaremos essa situação com o conjunto terminológico formado a partir do domínio das Profissões. Observe-se a Tabela 3, a seguir:

	<b>Grupo 1</b>	<b>Grupo 2</b>	<b>Grupo 3</b>	<b>Grupo 4</b>	<b>Grupo 5</b>
<b>PT</b>	<i>gene repórter</i>	<i>gene porteiro</i>	<i>gene zelador</i>	<i>gene de manutenção</i>	<i>célula mantenedora</i>
<b>IN</b>	<i>reporter gene</i>	<i>gatekeeper gene</i>	<i>caretaker gene</i>	<i>housekeeping gene</i>	<i>nurse cell</i>
<b>ES</b>	<i>gen reportero / gen indicador</i>	<i>gen guardián</i>	<i>gen cuidador</i>	<i>gen de mantenimiento</i>	<i>célula nodriza</i>
<b>FR</b>	<i>gène rapporteur</i>	<i>gène garde-barrière</i>	<i>gène gardien</i>	<i>gène domestique</i>	<i>cellule nourricière</i>

**Tabela 3.** O domínio das Profissões.

No que tange às denominações do primeiro grupo, *gene repórter*, não observamos variação – apenas uma variante no espanhol: *gen reportero*, *gen indicador*, sendo a segunda denominação menos marcada metaforicamente do que sua variante *gen reportero*, cuja motivação é evidentemente baseada no domínio das Profissões – o *gen reportero* é aquele que exerce a função de informar sobre a presença de um gene de interesse, assim como o profissional do jornalismo, cuja principal função é a informativa.

No grupo 2, ao qual pertence *gene porteiro*, observamos que o PT e o IN especificam a atividade do gene em analogia à do profissional: o gene exerce a função de controlar diretamente o crescimento celular envolvido em processos tumorigênicos, assim como o profissional que atua em portarias, quem deve controlar a entrada de pessoas estranhas ao edifício ou instituição, dentre outras funções. Em ES – *gen guardián* – assim como em FR – *gène garde-barrière* – o processo é menos marcado, ou seja, não há uma relação direta com o profissional de portaria, uma vez que o sema de controlar, presente nas outras denominações, se faz ausente. Ativam-se, nestes casos, os semas de proteger, guardar, cuidar de algo, de maneira mais abrangente.

De maneira semelhante comportam-se os termos *gen cuidador*, grupo 3, ES e *gène gardien*, grupo 3, FR: ambos revelam de modo menos marcado a função de tal gene do que as denominações do PT e do IN, respectivamente *gene zelador* e *caretaker gene*. Responsável indiretamente pelo controle do crescimento de células tumorigênicas, assim como os zeladores em um edifício, por exemplo, o termo *gene zelador* evidencia uma hierarquia de funções genéticas semelhante àquela observada nos domínios profissionais.

Já as metáforas do grupo 3, dividem-se em dois conjuntos: aquelas que trazem o sema de casa, como em *housekeeping gene*, do IN e *gène domestique*, do FR, na explicação do processo genético – manter o bom funcionamento das atividades básicas celulares – relacionando-as com as funções de manutenção domésticas e aquelas

que tratam da manutenção das funções básicas celulares como uma manutenção, em sentido *lato*: caso do PT, *gene de manutenção* e do ES, *gen de mantenimiento*.

Também no grupo 5 observamos uma variação culturalmente motivada atuando na denominação das células responsáveis pela nutrição ou pela alimentação de um organismo ou de uma célula em desenvolvimento. Nota-se que o IN denomina tal conceito de *nurse cell*, o que pode implicar a atuação de um profissional da saúde como responsável técnico por tais tarefas ou, em uma acepção menos prototípica, *nurse* como a própria ação de nutrir alguém, um sintagma verbal, portanto. As demais línguas, por outro lado, julgam esse processo como algo mais maternal, e cunham os termos *cellule nourricière*, no FR e *célula nodriza*, no ES, ambas referindo-se à pessoa responsável pela nutrição de uma criança, também em processo de desenvolvimento, como uma ama-de-leite, por exemplo. O PT mostrou-se mais neutro, denominando *célula mantenedora* a esse processo.

### **Algumas considerações**

A terminologia padronizada internacionalmente na maioria dos domínios que envolvem a tecnologia, senão em todos eles, compõe-se de termos da língua inglesa. Por questões sobretudo econômicas e políticas, o inglês constitui, na sociedade contemporânea, a ferramenta básica para se ter acesso à tecnologia, à informação e à comunicação internacional. A estruturação de uma economia aberta a um mercado global assim o exigiu, gerando, conseqüentemente, uma espécie de globalização linguística (JESUS, 2011, p. 54).

A terminologia da Genética Molecular não é exceção a esse fato. Com efeito, durante o processo de denominação de um conceito, o uso de decalques, ou mesmo de empréstimos, em sua composição, são bastante comuns, uma vez que existe um determinado paralelismo entre muitas línguas (KOCOUREK, 1991).

Temmerman (2000), lembra que, em geral, tais empréstimos são em número mais elevado provenientes da língua inglesa – em razão do alto desenvolvimento técnico e científico dos países anglo-americanos – e, ainda por razões mercadológicas, conforme constatou Jesus (2011). Dessa forma, observamos que muitos vocábulos provenientes da língua inglesa participam do sintagma metafórico, tanto em posição determinada quanto em posição determinante – caso de *clonagen shotgun*, exemplo citado anteriormente, dentre tantos outros encontrados em nossos *corpora*.

Apesar de a língua inglesa atuar dinamicamente para o processo de internacionalização do conhecimento, de maneira geral, pudemos observar determinadas particularidades, de cunho cultural, no conjunto terminológico da Genética Molecular, conforme expusemos anteriormente nas tabelas 1, 2 e 3.

Verificamos que as metáforas terminológicas formadas por domínios-fonte especializados<sup>11</sup>, caso da Geografia, mostradas nos exemplos anteriores, apresentam menor influência de aspectos culturais em sua conceptualização e consequente denominação. Queremos crer que este estado de coisas deva-se à duas causas fundamentais: 1) a motivação procedente de um domínio estabilizado socialmente e de ampla difusão – grande parte dos termos encontram-se, inclusive, dicionarizados – torna a terminologia mais transparente conceptualmente, e por conseguinte, requer menor intervenção adaptativa entre as diferentes culturas e 2) devido ao seu caráter especializado, as metáforas terminológicas têm como característica a convencionalidade, ou seja, não requerem do leitor um grande esforço interpretativo, posto que devem atender à premissa do rigor que caracteriza as linguagens de especialidade, não carregando consigo, portanto, qualquer aspecto estilístico. Tais

---

<sup>1111</sup> Em nosso estudo, os domínios da Geografia, Botânica, Lingüística, Astronomia, Informática, dentre outros, se mostraram bastante produtivos na constituição da terminologia formada metafóricamente da Genética Molecular.

características facilitariam, então, a sua difusão entre diferentes culturas.

É o caso dos termos amparados na metáfora do **mapa**, por exemplo.

A analogia entre a representação de localizações em um mapa cartográfico e em um *mapa genético* colaborou no entendimento da importância da posição dos genes dentro do genoma de um organismo: o DNA é formado por genes, mensagens codificadas produtoras de proteínas que, por sua vez, carregam todas as funções de um organismo. Assim, decodificar toda a sequência de bases do DNA, em outras palavras, *criar um mapa completo do DNA humano*, era tarefa ambiciosa e tal aspiração motivou o Projeto Genoma Humano – PGH, consórcio internacional composto por 17 países que, na união de esforços, contribuíram para a descoberta de mais de 1800 genes de doenças e outros genes a elas associados, além do desenvolvimento de produtos farmacológicos mais eficientes. Observamos que tal metáfora, ademais de atuar na conceptualização da área, também orientou a pesquisa sobre o genoma humano.

Além disso, e devido a sua importância para as pesquisas em Genética Molecular em todo o mundo, sua frequência de uso em ambiente especializado é bastante elevada. Estatisticamente, o termo *mapa* (e suas derivações) ocorreu 278 vezes em nosso *corpus* especializado. A alta frequência desse termo, atrelada à importância que a elaboração de *mapas genéticos* teve para a área – posto que possibilitaram a caracterização do genoma de um organismo –, fez com que o termo passasse a fazer parte da nominata empregada em textos de divulgação da ciência e, pouco a pouco, passa a fazer parte do léxico de um falante comum, podendo culminar na inserção de tal terminologia em dicionários de língua geral, como já acontece com os termos *DNA*, *gene* e seus derivados *gene regulador*, *gene estrutural*, dentre outros exemplos. Dessa maneira, a metáfora torna-se transparente e é facilmente difundida pela comunidade de pesquisadores, até mesmo em âmbito internacional.

Finalmente, segundo os estudos de Oliveira (2009, p. 169), a terminologia metafórica da Cardiologia apresenta entre 70% e 80% de equivalência entre as línguas portuguesa e francesa, o que corrobora as hipóteses apresentadas neste artigo.

Por outro lado, aquelas metáforas fundamentadas em domínios-fonte provenientes de atividades cotidianas – tais como as do âmbito das Profissões, das Formas, do Movimento, dentre outras atividades que fazem parte de nossas atividades diárias – mostraram-se mais inclinadas à sofrerem adaptações culturais; isso porque tais atividades representam o modo de viver e de atuar de uma comunidade específica, em um determinado tempo e espaço, revelando, portanto, a cultura desse lugar.

Uma das funções mais sobressalentes das metáforas, de maneira geral, é a de fornecer esquemas conceituais flexíveis para estruturar o mundo, o que se traduz em uma função cognitiva. Segundo Schlanger<sup>12</sup> (1995, p. 57 apud Oliveira, 2009, p. 114), elas ampliam, por assim dizer, nosso horizonte teórico, posto que têm o poder de compor a realidade de modo diferente, facilitando a compreensão do novo em termos daquilo que nos é familiar. Assim, quando categorizamos o mundo baseados em elementos cotidianos, e não em outras áreas de especialidade, por exemplo, tendemos a inserir elementos de cultura nesses processos, e os refletimos nas denominações.

Observe-se o título e subtítulo de uma matéria veiculada pela revista eletrônica *Ciência Hoje online*:

***Júnior Baiano e Ronaldinho Gaúcho juntos!***

*Conheça um tipo de célula recém-descoberta (sic) que tem a função de zagueiro e maestro do time.* (Ciência Hoje online, 17.03.2006)

---

<sup>12</sup> SCHLANGER, J. **Les métaphores de l'organisme**. Paris: L'Harmattan, 1995.  
VOL. 16 - ANO 35 - N° 2 - 2011

Tal metáfora, que permeia todo o texto e não restringindo-se ao termo – a que denominamos metáfora temática –, reflete claramente a origem geográfica do produtor do texto, o Brasil, uma vez que a metáfora do futebol, um dos domínios mais produtivos para novas conceptualizações em nosso país, atua conceptualmente nas mais diversas composições discursivas.

Nos exemplos mencionados anteriormente, os termos *cellule nourricière*, do FR e *célula nodriza*, do ES, ainda que não haja uma motivação tao evidente, podemos observar um acréscimo, na conceptualização de tais elementos, de um carácter emocional – associa-se à um processo biológico a atividade de amamentar, ou nutrir, uma criança em desenvolvimento. Já o inglês, trata essa atividade de maneira profissional, com *nurse cell*.

Esse viés cognitivo das metáforas nos ajuda a perceber melhor a realidade que nos cerca, a organizar esse emaranhado de informações inéditas e a categorizar esse conhecimento novo, com base em nosso *background* (OLIVEIRA, 2009, p. 114); com isso, podemos conhecer a maneira de pensar de um grupo social, até mesmo de uma sociedade como um todo.

No que concerne, ainda, à aceitação social e à difusão de uma unidade terminológica, pode-se dizer que se um termo é bem constituído – ou seja, se denomina um conceito apresentando de maneira transparente todos (ou grande parte) dos traços conceptuais a ele inerentes, o que envolve aspectos culturais –, então essa unidade terminológica tem grande chance de se terminologizar e integrar, portanto, o vocabulário de uma língua.

Finalmente, com este trabalho, queremos destacar a importância do conceito de *lexicultura*, cunhado por Robert Galisson e estudado por Diki-Kidiri (2008), Lino (2010) etc. Tal conceito tem se revelado de suma importância para as descrições não só terminológicas, com implicações necessárias à tradução especializada – questão delicada, posto que os aspectos culturais, de difícil identificação, devem ser levados em conta nesse processo

tradutório –, mas também para as descrições lexicológicas, tanto em contexto mono quanto multilíngue.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ALVES, I. M. Neologia técnico-científica na imprensa brasileira contemporânea. **Atas de RITERM** – VII simpósio, 2002.

ALVES, I. M. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, v. 2, p. 77-88, 2004.

ALVES, I. M. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. **Alfa**, São Paulo, v.50, n.2, p. 131-144, 2006.

BARBOSA, M. A. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, June 2006. Disponível em:

<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200018&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Maio 2011

DELBECQUE, N. **Linguistique cognitive: comprendre comment fonctionne la langue**. Nouvelle édition augmentée, avec exercices et solutions. Paris: Champs linguistiques, 2006.

DIKI-KIDIRI, M. La métaphore comme base culturelle de conceptualisation et source de néologismes terminologiques. In KATCHOURI, A. et al (ed.). **Questions de glottopolitique: France, Afrique, Monde méditerranéen**. Université de Rouen : URA CNRS 1164, p. 187-193, 1996.

GALISSION, R. **De la langue à la culture par les mots**. Paris, Clé International, 1991.

JESUS, A. M. R. **Terminologia da Astronomia: estudo da neologia e da variação**. 2011, 197 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KOCOUREK, R. **La langue française de la technique et de la science: vers linguistique de la langue savante.** Wisbaden: Bradstetter, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LARA, L. F. Diversidad cultural y neología. In: **IX Simposio Iberoamericano de Terminología: la terminología en el siglo XXI: contribución a la cultura de la paz, la diversidad y la sostenibilidad.** Resumos, IX Simpósio Iberoamericano de Terminología, Barcelona, pp. 53-62, 2004.

LINO, M.T. et al. Neologia, terminologia, e lexicultura. A língua portuguesa em situação de contacto de línguas. In: **Filologia linguística portuguesa**, n. 12(2), p. 183-184, 2010.

OLIVEIRA, I. **Nature et fonctions de la métaphore en science.** L'exemple de La cardiologie. Paris: L'Harmattan, 2009.

OLIVEIRA, L. P. **Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos das metáforas terminológicas:** uma análise baseada em um *corpus* da Genética Molecular. 2011, 174 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TEMMERMAN, R. **Towards new ways of terminology description.** The sociocognitive approach. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.